Academia Olímpica de Portugal
XVI.ª Sessão Anual – Idanha-a-Nova
Centro Cultural Raiano
15 Abril 2003

Os Jogos Olímpicos da Antiguidade, na génese do conceito moderno de Desporto

Pedro Manuel Cardoso
(Membro da Academia Olímpica de Portugal)

Resumo da comunicação
Título: ***Os Jogos Olímpicos da Antiguidade, na génese do conceito moderno de Desporto***.

Resumo:
A ***Academia Olímpica de Portugal*** (AOP) nesta XVI.ª Sessão Anual lançou o desafio de abordarmos a difícil e complexa questão: "*Jogos Olímpicos... da Antiguidade à Era Moderna*". Constata-se que existem vários tipos de *histórias* sobre a origem e sobre o significado dos Jogos Olímpicos ocorridos na Grécia Antiga. Algumas dessas histórias são classificadas como sendo "mitológicas", outras como sendo "históricas", por serem as que a "comunidade científica" valida e certifica. Esta tendência para opôr *mito* e *história* — como se tratasse de uma oposição entre certeza e fábula — radica num *positivismo* e numa ingenuidade analítica que talvez mereçam crítica. É necessário ultrapassar esse impasse se quisermos compreender qual foi efectivamente o contributo dos *Jogos Olímpicos Antigos* para a **génese do moderno conceito de Desporto**. Esta palestra abordará a importância dos Jogos Olímpicos *pelo* ***problema social*** *que foram chamados a solucionar na sociedade grega da antiguidade*, ou se se quiser, *pelo* ***uso social que lhes foi dado***.

Academia Olímpica de Portugal
XVI.ª Sessão Anual, Idanha-a-Nova, 14 a 17 de Abril de 2003

Exmo. Senhor (Eng.º Álvaro José C. Rocha) Presidente da Câmara Municipal de Idanha-a-Nova
Exmo. Senhor (Dr. Armindo Moreira Palma Jacinto) Vereador da Câmara Municipal de Idanha-a-Nova.
Exmo. Senhor Comandante José Vicente de Moura, Presidente do Comité Olímpico de Portugal e Presidente da Academia Olímpica de Portugal.
Exmo. Senhor Dr. Sílvio Rafael, Deão da Academia Olímpica de Portugal; e Exmos.
Membros do Conselho Directivo da Academia Olímpica de Portugal, a quem aproveito para agradecer este *Convite.*
Entidades oficiais...
Participantes na *XVI.ª Sessão Anual da Academia Olímpica de Portugal*
Senhoras e Senhores....

Antes de começar, gostaria de agradecer o convite da Academia Olímpica de Portugal; e apresentar os cumprimentos a todos os presentes.

OBJECTIVO

Nesta 16.ª Sessão" cabe-me a tarefa — ao falar dos *Jogos Olímpicos da Antiguidade* — de contribuir para que se possa compreender como estiveram na génese do conceito moderno de *Desporto*.

ÍNICIO

No dia 12 de Julho de 1998, no "VI.º Congresso de Educação Física e Ciências do Desporto", realizado na Corunha, um professor catedrático de uma das Faculdades de Educação Física e Desporto existentes em Portugal, e ex-Presidente do Conselho Superior do Desporto, afirmaria (nota 1): – "***Tenho procurado uma razão científica para a existência do desporto, quer na sua forma actual, quer em formas anteriores, e não a encontro. Nem vejo que o acto desportivo seja necessário à existência do homem e da humanidade.***" (Jorge Olímpio Bento, 1998:121)

Pedro Manuel Cardoso
Idanha-a-Nova, 15 de Abril de 2003

No dia 29 de Setembro do mesmo ano, a Comissão Europeia, no Documento intitulado "*Evolução e perspectivas da acção comunitária no domínio do Desporto*", afirmaria perentoriamente: – "**Desporto são *todas* as formas de actividades físicas que, através de uma participação organizada ou não, tenham como objectivo melhorar a condição física e psíquica, o desenvolvimento das relações sociais ou a obtenção de resultados em competições de *todos* os níveis"**.

Mas então, em que ficamos? O acto desportivo não será necessário à existência do ser humano e da Humanidade? O "Desporto" serão todas as formas de actividades físicas? Será todos os tipos e níveis de competição?

Talvez este "tudo ou nada" sobre o Desporto sejam uma mesma forma de desistência. Seja como fôr, e como podemos constatar, esta deriva e esta indefinição fazem ainda parte, hoje, do nosso presente e da nossa actualidade. Promover este debate em permanência é a oportunidade que a Academia Olímpica de Portugal nos proporciona.

I – Que "*história*" para os Jogos Olímpicos Antigos?

(Que interesse tem para o presente a história dos *Jogos Olímpicos Antigos*?)

Se os *Jogos Olímpicos da Era Moderna* durassem tanto quanto os da Antiguidade, terminariam por volta do ano 3065 [1896 + (776 a.C. + 393 d.C.)]. Com efeito desde o primeiro registo escrito, historicamente credível, para o seu início (nota 2), 776 anos antes do calendário da nossa era (776 a.C.), quando Corebos de Elida venceu a prova da corrida em Olímpia na distância de 192,27 metros, até 393 d.C. da nossa era, quando o imperador Teodósio I os extingue por *édito* e ordena a demolição dos Templos de Olímpia, decorrem 1169 anos durante os quais, ininterruptamente, de quatro em quatro anos, no verão, foram celebrados no vale de Olímpia, na província de Élida, na península do Peloponeso (nota 3).

Tradicionalmente o debate sobre os Jogos Olímpicos Antigos alonga-se pelos vários cenários possíveis para a sua origem, tendo por pano-de-fundo sempre a recorrência a cerimónias, ritos e liturgias de carácter religioso:

--- Para uns existiria algum fundo de verdade no testemunho de Píndaro, poeta grego do século V.º, quando afirma que teriam sido fundados em épocas imemoriais, em comemoração pelo êxito dos célebres 12 trabalhos de Hercules. Outros, seguindo Homero, afirmam que teriam sido originados por Zeus, em celebração da sua vitória sobre o seu pai Kronos.
--- Para outros, os Jogos Olímpicos teriam tido a sua origem 15 séculos antes da nossa era, coincidindo com a chegada dos aqueus à cidade de Pisa, próxima de Olímpia.
--- Para outros faz crédito o testemunho de Pausanias, historiador e geógrafo grego do século 2.º, que os atribui a Oxilo, o antigo rei eleu pretensamente nomeado directamente por descendentes de Heracles que, guiado pelos Dórios no século 12 a.C., os estabelece pura e simplesmente nas margens do rio Alfeo em Olímpia.

E poderíamos prosseguir por mais algumas hipóteses deste tipo. Georges Candilis em 1994 (1994: Dépliant 3) chega mesmo a sugerir um paralelismo com competições ocorridas muito antes, na Ásia e no Egipto, afirmando que uns pretensos Jogos Cretenses ocorridos entre 2000 a.C. e 1600 a.C., teriam influenciado toda a península do Peloponeso antes do seu restabelecimento em Olímpia em 776 a.C.. Nesta perspectiva, a *História* seria constituída por uma sucessão de ciclos de "ressurgimento, apogeu e declínio", sendo os Jogos Olímpicos da Grécia Antiga não mais do que um desses momentos cíclicos. A maioria das abordagens

Pedro Manuel Cardoso
Idanha-a-Nova, 15 de Abril de 2003

históricas, de facto, termina geralmente por considerar os Jogos Olímpicos originados em liturgias e na religião.

Todavia, recentemente, por ser insuficiente do ponto de vista analítico, e mesmo ingénua do ponto de vista metodológico, esta perspectiva histórica começou a ser criticada. Insuficiente, porque apresenta a "história", quer dos factos quer dos mitos, sem contextualizar socialmente e culturalmente as diferentes épocas da civilização grega. Ingénua, porque presume que a realidade social se explicaria pelo devir histórico, fazendo por artes mágicas nascer os Jogos da religião ou dessas liturgias. Incorrecta ainda, porque não considera que qualquer realidade social (Sociedade) é sempre fruto de uma construção, realizada pelo protagonismo de indivíduos concretos, em contextos particulares, face a problemas reais.

Verificamos portanto que há, e houve, várias maneiras de ***fazer história do Desporto e dos Jogos Olímpicos***...

Quando Gaston Bachelard, em "*La Formation de l'Esprit Scientifique*", introduziu a tese de que "***todo o conhecimento consiste numa resposta a um problema***"; e mais tarde Michel Focault produziu a célebre resposta ao *Círculo Epistemológico* sobre o conceito de *descontinuidade* (nota 4), o modo de fazer História sofreria uma mudança. A historiografia contemporânea, sobretudo a partir da "*École des Annales*", passaria a não aceitar uma "história evolucionista e uniforme do percurso da realidade", neste caso desportiva: ... até então explicada por causas mitológicas, com origens pseudo-profundas em "lendas". Depois, a rejeitar uma história, feita apenas a partir de uma sucessão cronológica de factos, feitos, resultados e datas ("*événementielle*"): ... da qual resultaria a pretensa inevitabilidade de uma evolução do tipo "dos jogos aos desportos", como foi usual até há muito pouco tempo. Finalmente, o modo contemporâneo de *fazer história* obrigaria ao cruzamento pluridisciplinar de múltiplos eixos de conhecimento, aferidos aos contextos biológicos, económicos, sociais e culturais de cada fase do desenvolvimento concreto das várias sociedades em estudo. E isso implica a necessidade de ***abordar a importância dos Jogos pelo problema social que foram chamados a solucionar na Sociedade Grega***; ou se quisermos, pelo uso social que lhes foi dado.

II – O contexto

Interessa-nos, portanto, avaliar e contextualizar o que aconteceu na época em que se situa a vitória de Corebos de Élida (776 a.C.).

Ora verificamos que a queda do mundo Micénico ocorre por volta de 1200 antes da nossa Era, prolongando-se até ao Século IX (nota 5):
--- Coincide com a gradual substituição do bronze pelo ferro.
--- Coincide com a invasão Dórica.
--- Coincide com uma profunda mudança demográfica que originou um aumento significativo da população.
--- Coincide com uma mudança social que fez desaparecer todo o sistema económico centrado no Palácio. Que baseava a concentração da riqueza no excedente produzido pelo trabalho camponês, e que, com a colonização, passa a utilizar mão-de-obra escrava.
--- Coincide com uma mudança cultural de que se destaca o aparecimento do alfabeto grego; a mudança do estilo protogeométrico para o geométrico; a substituição dos frescos de Santorini pelos vasos monumentais; e o aparecimento dos edifícios rectangulares...
--- Coincide, no plano religioso, pela substituição dos *cultos antigos* pela predominância dos a Zeus.
--- Coincide, no plano político, com o aumento da importância das cidades-estado e com o aumento exponencial da rivalidade e da conflitualidade entre elas.
--- No plano militar, a corrida e as deslocações a pé, ganham um novo estatuto, e um prestígio que não possuíam no período Micénico. De facto, a infantaria e os *hoplitas* tornam-se predominantes (V. D Hanson, 1999:35) (nota 6).

Pedro Manuel Cardoso
Idanha-a-Nova, 15 de Abril de 2003

Ficamos, obviamente, em presença de uma época de profundas transformações na sociedade grega; no seu modo de viver; nas suas representações; e na sua mentalidade. Ora, é exactamente neste período que nos surge o registo concreto e seguro do início dos primeiros Jogos, em Olímpia.

Por volta de 1500 a.C. os indícios da existência de Jogos (Olímpicos ou outros) confundem-se com a lenda e com o mito. Olímpia era conhecida na época pré-histórica apenas como o lugar de um santuário, pertencente à cidade de Élis, e não como uma cidade ou vila. Um local onde eram celebrados cultos religiosos dedicados à deusa-mãe Gê e a Hera, pertencentes portanto a um panteão anterior ao de Zeus e dos deuses do Olimpo, que haveriam de surgir apenas por volta do século 9.º a.C.. E os monumentos e templos que nos foram legados seriam, maioritariamente, erigidos entre o século 7.º e o século 5.º (a Acrópole, com o Pórtico dos Propileus, o Pártenon, o Erectéion, o templo de Atena e *Niké*, etc). O tempo de Sócrates e de Platão; de Ésquilo e Sófocles; de Eurípedes e de Aristófanes, entre outros, só ocorreria 3 séculos depois do início dos Jogos Olímpicos. Seria por exemplo também apenas na segunda metade do século 5.º que a famosa estátua de Zeus, medindo cerca de 12 metros (coberta de ouro e marfim), segundo se dizia, uma das sete maravilhas do mundo, foi esculpida por Fídias, em consequência da vitória do ateniense Thémistocle sobre o imperador persa Xerxes. Seria portanto só a partir do século 5.º que a estrutura arquitectónica de Olímpia ficaria completa e os Jogos Olímpicos atingiriam o seu apogeu na cultura Grega.

Parecem ser demasiados os factos concordantes para serem ignorados, ou tomados por coincidência. Deixar de relacionar a origem dos Jogos Olímpicos com esta profunda mutação afigura-se-nos insensato. A cronologia dos nomes dos vencedores e das provas atléticas não nos dá, por si só, a consciência desta realidade social e cultural que contextualiza os Jogos Olímpicos Antigos. As lendas e os mitos conferem-lhes uma aura de mistério e de romantismo, mas não servem senão para fazer uma "história" romanceada e não-científica.

III - A questão social

(Qual é então, aqui, a questão central?)
Verificamos que o principal efeito dessa transformação social seria o aparecimento de um insustentável clima de conflitualidade e de rivalidade entre as cidades-estado. Victor Davis Hanson, em 1999, na obra publicada pela Universidade de Cambridge, apresenta com minúcia a frequência dos conflitos e das batalhas travadas nessa época.

A sociedade grega tinha chegado a uma "velha" encruzilhada. Defrontava-se com um dos problemas mais profundos e paradoxais da vida social, de todas as sociedades humanas: --- A compatibilização entre a porção da agressividade que devia inibir para continuar a viabilizar-se (isto é, para não se derrotar enquanto ***um todo composto por vizinhos***, neste caso enquanto cidades-estado), e aquela agressividade que deveria produzir para não desaparecer enquanto sociedade (neste caso, para conter a ameaça externa do poderoso e próximo Império Persa).

O testemunho de que o problema da conflitualidade entre cidades-estado era sentido pela Sociedade Grega naquela época encontra-se documentado no famoso *acordo* que os reis das cidades de Elis (Ifito), de Esparta (Licurgo), e de Pisa (Cleóstenes) sentiram necessidade de firmar em 884 a.C. (nota 7). Portanto, um tratado político para solucionar a guerra entre a Élida, a Áquia e a Arcádia, exactamente as províncias que coabitavam naquela época o Peloponeso. *Acordo* a que chamaram precisamente ***Trégua Sagrada*** (C. Ampolo e alli., 1985:97).

O *Acordo* consistia em proibir todo o tipo de actividade guerreira durante um certo período de tempo; declarar uma parcela de território neutro; e proibir que nele entrassem indivíduos armados. ***Ora, passados***

Pedro Manuel Cardoso
Idanha-a-Nova, 15 de Abril de 2003

108 anos, no mesmo local, e entre as mesmas comunidades, surge-nos o registo historicamente credível do início dos Jogos Olímpicos da antiguidade.
Reparemos no paradoxo e na complexidade que constituem, em termos de comportamento humano, esses Jogos:
--- Num momento e local combinado, por acordo entre as partes envolvidas em conflito, organiza-se a proibição da "competição guerreira".
--- Mas por outro lado organizam-se, nesse mesmo momento e local, os Jogos Olímpicos, que mais não eram do que um outro tipo de competição. Uma competição de um tipo lógico diferente... mas uma competição.

Ou seja, a competição dos Jogos realizava-se exactamente no local declarado socialmente neutro para a competição da guerra, e no momento onde eram proibidos quaisquer confrontos. E nasce de um ***acordo político*** para fazer face ao problema concreto de conflitualidade que referimos atrás. Poderíamos colocar a hipótese de que no vale de Olímpia existiria uma tradição de práticas lúdico-competitivas. Mas o que é central neste caso é o novo uso social e político que lhes foi dado. O problema social que foram chamados a solucionar. Poderemos sinceramente afastar a relação do Desporto com a *Política*? Seria possível realizar os Jogos Olímpicos, tanto os antigos como os actuais, sem acordos políticos entre as partes e entre as nações envolvidas?

Reparemos, para corroborar este facto, num outro conjunto de dados: No início (em 776 a.C. antes da nossa era) ***a adesão popular aos Jogos não se deu pela quantidade das actividades atléticas neles ocorridas***. Pois, nas primeiras 13 edições só incluíam uma prova: a corrida ao "estádio" (E. D. Vanhove, W. Laporte et alli, 1992:113). Ora assim sendo, é de supôr que a razão do impacto e da adesão social estavam noutros motivos. Exactamente, como constatamos aqui, ***num novo uso social que a actividade física (neste caso a corrida) seria posta a cumprir***. Bastando apenas uma única prova, disputada num único dia, para que esse uso fosse comunicado e partilhado. Por outro lado, os vestígios arqueológicos mostram uma ausência de rigor na marcação das distâncias a percorrer nos vários "estádios" onde ocorriam Jogos na Grécia Antiga: "*c'est ainsi que le stade d'Olympie mesurait 192,27 m, celui de Delphes 177,42 m, à Epidaure il mesurait 181,3 m et à Pergame 210 m*" (E. D. Vanhove, W. Laporte et alli, 1992:113). Uma diferença de mais de 32 metros que atesta que não era a ideia de "rendimento", ou de "medida do resultado", que estava a ser "avaliada", mas sim a de "competição". O que estava em causa era "um competir de um novo tipo lógico", "um competir de um tipo lógico diferente do da guerra". Mas um competir sem deixar de ser um competir. A ideia de "confronto competitivo teatralizado", entre os diferentes beligerantes das diferentes cidades-estado e regiões, constituía provavelmente um novo facto social; e um novo uso (político e social) dado à actividade atlética, nunca antes experimentado institucionalmente entre comunidades rivais. Pois, outras actividades físicas, como a luta, a equitação, a esgrima, o tiro com arco, etc., eram há muito conhecidas. E faziam até parte do habitual treino militar dos jovens, "*la course jouant un rôle primordial dans le cadre des activités militaires et de la chasse, de nombreux jeunes Grecs y étaient entraînés sans qu'il ait pu pour autant être question de sport*" (E. D. Vanhove, W. Laporte et alli, 1992:113). Talvez possamos compreender nesta génese do competir desportivo a irresistível ***curiosidade de se assistir a uma novidade***. E até, talvez, a um longínquo eco do rumor das emoções que causaram essas primeiras "experiências competitivas"; ou esses primeiros "teatros do jogo competitivo". Não sendo por isso necessário mais do que uma prova para conseguir a adesão emocional do público.

IV - A solução cultural

Analisemos um pouco mais a racionalidade desta "solução". A teatralização da competição executada sistematicamente de quatro e quatro anos, através de diversas provas atléticas, conseguia exprimir uma orientação para o comportamento. Conseguia inventar uma "consciência". Conseguia criar uma instância "exterior às relações sociais sofridas", ou à "socio-lógica". E, embora não venha aqui a propósito, serve para compreendermos que é neste ponto da análise que a *sociologia* bate no tecto da sua capacidade de

interpretação, e deixa à *antropologia* o seu território. Exactamente, quando há um plano de comportamento exterior à lógica da realidade social instituída. Quando há uma manipulação da realidade no mesmo sentido que Weber daria ao papel da "*ética protestante*" para a construção da economia e da sociedade "*capitalista*".

Em nossa opinião, com os *Jogos Olímpicos Antigos*:
--- Assiste-se à invenção de um ***compromisso*** cultural, no qual ficava estabelecido *a priori*, que a força de quaisquer das partes envolvidas no confronto não destruiria as outras, fosse qual fosse o resultado da contenda.
--- Paradoxalmente, através da *simulação do confronto*, o que era louvado e celebrado era um nível lógico de comportamento acima do próprio confronto e dos seus motivos.
--- A metáfora que a sociedade podia ler durante aquela simulação, era a da compatibilização entre o vencedor e o vencido; de que a vitória e a derrota não se excluíam. Exactamente tudo aquilo que a competição da guerra impossibilitava.
--- Assim, o compromisso daquele novo tipo de competir criava *a priori* **um limite** para as consequências do confronto.

A solução grega, naquela longínqua época, para resolver a conflitualidade e a guerra através de um *Acordo* e de um Tratado Político (*trégua sagrada*) já é em si mesma notável, no entanto não seria a primeira vez que isso ocorrera. Pretender instituir socialmente essa solução de modo estável, em vez de ser um acto ocasional, utilizado apenas para cada conflito que acontecesse, seria também notável, mas continuava a não ser nada de novo. Pelo contrário, o papel que as práticas lúdico-competitivas desempenharam na execução prática desse Acordo e desse Tratado Político seria exactamente o que há a realçar de original.

O que também nos leva a questionar a essência, ou a qualidade, do que é desportivo nos jogos olímpicos antigos. **O que é desporto neles?** Será esse ***uso social*** e essa nova intencionalidade que passou a manipular as práticas lúdico-competitivas? Ou será o artifício que conseguia transformar a "competição real da guerra" em "jogo de reciprocidade"; em que cada modalidade desportiva procurava captar, pela sedução da sua ludo-motricidade, a maneira mais eficaz de executar a operação ritual?

Seja como fôr, a função que esse "teatro da competição" exerceu sobre a realidade social grega foi tal que transformaram os Jogos no mecanismo cultural de coesão durante os 1169 anos em que decorreram.

Reparemos na lista dos factores que no contexto da Grécia Antiga, contribuíram para a degradação e decadência dos Jogos:
--- A busca desenfreada de "resultados", confundindo-os com o objectivo e com a pedagogia da competição. O que levou a um profissionalismo exacerbado, em que a motivação do competidor passou a ser a recompensa monetária.
--- A introdução de vantagens ilícitas por meios fraudulentos para algumas das partes envolvidas.
--- A interferência política na competição, quando por exemplo o imperador Nero se impõe, no ano 67 da nossa Era, como competidor nos 211.º (ducentésimos décimos primeiros) Jogos Olímpicos, e se faz proclamar imerecidamente vencedor (C. Ampolo e alli, 1985:102).
--- "*A exaltação da perfeição física em detrimento dos valores da alma*", para citar a justificação que Teodósio I deu, no seu famoso Édito de 393 d.C, para lhes pôr fim. Hoje diríamos, noutra linguagem, quando o Desporto se transforma num conjunto de actividades biomecânicas de alto rendimento despojadas de qualquer utilidade social ou benefício para a saúde, incumprindo a sua função pedagógica e cultural.

Nesta perspectiva parece não ter sido a ***competição***, como tantas vezes é afirmado e escrito, que ameaçaram e degeneraram o Desporto. Mas, exactamente o contrário, os factores que a destruíram. Foi a promiscuidade e a sua destruição que impediram que o Desporto continuasse a ser a metáfora que a sociedade lia sobre a ética que devia prevalecer nas relações de confronto e de rivalidade. Foi isso que impediu que as identidades mútuas se continuassem a rever no "confronto olímpico". Foi isso que impossibilitou a homoestase social.

Estamos, assim, perante a ***invenção*** de um novo tipo de competição, diferente do "competir da guerra" e do "competir económico e mercantil". Mas também diferente da simples "prática de actividades físicas", pois sempre existiu na Grécia Antiga, paralelamente aos Jogos Olímpicos, a prática de exercícios e jogos, inclusive com bola (.....).

Em suma:
... Ficamos perante uma competição onde o compromisso e a paridade entre os indivíduos se podiam incessantemente renovar;
... Ficamos perante um evento onde se podiam experimentar os impulsos da rivalidade sem os indivíduos perderem o estatuto de "iguais";
... Ficamos perante os *Jogos* como factor da construção de uma nova ética de regulação das relações humanas de competição;
... ***Ficamos perante os Jogos Olímpicos Antigos como a invenção de um limite ideológico para o confronto humano***.

V – Conclusão

Em conclusão, hoje, ao vislumbrarmos toda a "história do desporto" vi-mo-la percorrer vários percursos:

E os eixos dessa mudança e variação podem ser resumidos:

- De prática local e regional ⇒ a facto mundial. (mediatizado por multinacionais de comunicação).
- De divertimento restrito a uma *elite* ⇒ a prática generalizada ***para todos***, sem discriminação de género, idade, proveniência geográfica ou incapacidade funcional.
- De privilégio de alguns ⇒ a ***necessidade*** de todos. E, de necessidade ⇒ a ***direito***. Direito reivindicado, institucionalizado e vertido nas constituições e nas leis das nações.
- Abordado de modo amador e empírico, no início do século XX ⇒ a domínio autónomo do conhecimento científico e tecnológico. Discutido e investigado nas universidades, disputado por industrias e marcas, e exigindo uma crescente ***profissionalização*** e ***especialização***.
- De oportunidade para a ***participação*** das comunidades ⇒ a ***factor de identidade***.
- De espaço de competição ⇒ a factor de construção de uma nova ética para as relações humanas de confronto e de rivalidade.
- De instituição social de regulação e controlo da violência ⇒ a ***factor de coesão*** social, e de consolidação da cidadania e da *Democracia*.
- De factor lúdico ⇒ a oportunidade para o lazer e para a saúde.

Mas, com que diferenças tudo isto não terá ocorrido outrora como hoje ?

Nesta "história", o que haverá de moderno no antigo não será a ***invenção desse limite ideológico para as relações humanas de confronto*** ? Não será <u>isso</u>, aquilo que o Desporto, podendo ser tudo o resto, não poderá deixar de ser sempre ?

Hoje, erguem-se tantas vozes sobre o valor do Desporto para a saúde, para o lazer, para a aventura, para a equidade, etc. ... Mas, não será o esquecimento, por aquela dimensão ética e pedagógica antiga, que provoca a deriva e a indefinição que detectámos no início ? Apesar de todos os <u>novos usos actuais</u> que dizem que ele tem, não continua a ser <u>isso</u> aquilo que nele é mais difícil de preservar, ainda hoje ?

Pedro Manuel Cardoso
Idanha-a-Nova, 15 de Abril de 2003

Não será aquela "solução olímpica" e aquele tipo de competir inventado há 27 séculos, que estiveram na origem do moderno conceito de Desporto ? E que nos trazem, também, a esta XVI.ª Sessão ?

Assim termino. Muito obrigado.

NOTAS:

1 - **884 a.C.** , *Trégua Sagrada*.
(*Acordo* estabelecido entre Ifitus rei de Élis, Cleóstenes rei de Pisa e Licurgo rei de Esparta. A pitonisa do oráculo de Delfos sugere ao rei Ifito de Élis o restabelecimento dos "Antigos Jogos").
[884 – 776 = 108]

2 - **Época Arcaica - 776 a.C.** a **século VI a.C.**
776 a.C. (data da vitória de Corebos de Élida. Nas primeiras 13 edições dos Jogos Olímpicos apenas se disputava uma prova, a corrida ao *estádio* (192,27 m).
Século VI a.C. (no final do século VI a.C. são permitidos competidores não exclusivamente das cidades-estado da península do Peloponeso).
[776 – 500 = 276 (23,60%)]

3 - **Época Clássica - século V a.C** a **século IV a.C**.
Século V (apogeu da influência ateniense, ou "século de Péricles").
Século IV (a rivalidade entre Atenas e Esparta acabaria por fazer deflagrar a "guerra do Peloponeso" (431-404 a.C.) fazendo declinar o poder de Atenas, primeiro em favor do de Esparta (batalha de Egospótamos) e depois do de Tebas.
[499 – 338 = 161 (13,77%)]

4 - **Época Helenística - 338 a.C.** a **146 a.C.**.
338 a.C. (nesta data o rei macedónio Filipe II conquista e unifica todas as cidades-estado gregas sob uma única identidade, a Liga Pan-Helénica de Corinto, ou simplesmente *Hélade*)**.**
146 a.C..
[338 – 146 = 192 (16,43%)]

5 - **Época Romana - 146 a.C.** a **393 d.C.**.
146 a.C. (a partir desta data é a própria Macedónia, que tinha incorporado a Grécia, que passará a ser uma província romana).
393 d.C.. (após a divisão do *Império Romano* a Grécia fica integrada no "Império do Oriente" com sede em Bizâncio, depois Constantinopla, e hoje Istambul).
[146 + 393 = 539 (46,10%)]

6 - **Fim dos Jogos Olímpicos Antigos** - Édito de Teodósio em **393 d.C.**.

Total = (108) + 276 (23,60%) + 161 (13,77%) + 192 (16,43%) + 539 (46,10%) = (1276) ou 1169 anos.

1 – Jorge Olímpio Bento (1998):
"Tenho procurado uma razão científica para a existência do desporto, quer na sua forma actual, quer em formas anteriores, e não a encontro. Nem vejo que o acto desportivo seja necessário à existência do homem

e da humanidade. Não brota, pois, da razão da necessidade, nem pode ser justificado por razões orgânicas ou biológicas (p. 121).
(1998/07/12, "Desporto e Humanismo. O campo do possível", "Conferência de encerramento do VI Congresso de Educacion Fisica e Ciencias do Deporte dos Países de Língua Portuguesa", in "Deporte e Humanismo en clave de futuro", Actas do "VII Congreso Galego de Educación Física", Edição M. González Valeiro, A. Areces Gayo, R. Martín Acero y J. L. Salvador Alonso, INEF Galicia, Corunha, Julho 1998, p. 121).

2 – Aristóteles (século 4.º a.C.) e Pausanias (século 2.º a.C.) teriam visto o texto desse acordo ou tratado no templo de Hera em Olímpia. Gravado, segundo Carlos Gomes (2002) "(...) *em linhas circulares num disco votivo de ferro*" (Boletim n.º 11 da AOP, 2002:6), designado também por "disco de Ífito", onde se proclamava a *ekecheiria* ou "paz ou trégua olímpica". Segundo H. Van Looy (1992), existem fortes indícios para que a actual placa de bronze onde se regista aquele tratado de aliança entre os povos da Élida e da Arcádia seja falsa, tendo sido gravada numa época muito mais recente do que 884 a.C. para que pudesse associar o rei Licurgo de Esparta (H. Van Looy, 1992:95).

Aliás o problema da confirmação e da idoneidade da data de 776 a.C. tem levantado algumas dúvidas. Plutarco em *Vie de Numa* chegaria mesmo a afirmar "*qui ne repose sur aucune donné fiable*" visto que só ter sido a partir de 776 a. C. que o registo dos vencedores olímpicos se faria por escrito (H. Van Looy, in E.D Vanhove, 1992:96) desconhecendo-se por isso se outros houveram anteriormente. Carlos Gomes (2002) no seu artigo no Boletim da Academia Olímpica de Portugal n.º 12/2002 escreve que "*Políbio, historiador do século II da Antiguidade, refere que em 776 a.C. se disputaram os 27.º Jogos Olímpicos, o que, supondo uma regularidade quadrienal, remeteria a origem dos Jogos para as proximidades do acordo dos três reis*" (2002:10) (27 x 4 = 108; 108 + 776 = 884 a.C), mas que "*não há provas inequívocas que o atestem*" (ibidem, 2002:10). Sobre as listas dos vencedores olímpicos ocorreriam diversas lacunas e perdas que não facilitam as certezas absolutas. ((segundo a "lista de vencedores olímpicos" estabelecida por Hippias de Élis (2.ª metade do século 5.º a.C.), (ver também H. Van Looy p. 79, 85 e 96 in E. D. Vanhove, 1992). Com efeito esta data corresponde provavelmente à introdução do registo dos vencedores por escrito, não o sendo anteriormente. Só no 6.º século a.C. seriam gravados na pedra ... Após a lista de Hippias de Élis (século 5.º a.C.) tanto a lista realizada por Aristóteles como a realizada por Eratosthéne de Cyrène (século 3.º a.C.) ter-se-iam ambas perdido, só restando poucos fragmentos. Muito mais tarde sob o reinado do imperador romano Adriano, Phlégon de Tralles estabeleceu uma lista em 16 volumes acompanhados de mais 2 volumes com um resumo geral e vários fragmentos. O historiador romano Eusébio reproduziria a lista de Sextus Iulius Africanus (do século 3.º d.C.) que cobre o período de 776 a.C até 216 d.C. (249.ª Olímpiada), a que mais tarde se juntariam outros nomes resultado de investigações sobre os papiros e documentos escritos da Grécia Antiga. Assim, em conclusão, H. Van Looy (1992:96) refere ainda o estudo de Bengtson em 1972 onde se pode constatar que só se conhecem 921 dos 4237 vencedores potenciais, ou seja apenas 22 %, "*les perdants ne nous sont connus que dans le mesure où ils étaient célèbres ou si le concours avait pris une tournure dramatique*" (p. 96). Todavia, como nos alerta prudentemente H. Van Looy (1992:79) a referência à data de 776 a.C. deve colher algum crédito, mesmo que no futuro não venha a ser considerada como a verdadeira data do início dos Jogos Olímpicos, "*Cette date n'est nullement confirmé puisqu'on n'en trouve aucune preuve dans la littérature et encore moins dans les sources archéologiques. Toute fois, si cette date devait être infirmée, ce serait tout le système chronologique sur lequel repose l'histoire grecque qui s'effondrerait. C'est la raison pour laquelle il est probablement plus sage de la retenir tout en sachant fort bien qu'elle n'est pas absolument exacte*." (H. Van Looy, 1992:79).

3 – A destruição dos Templos em Olímpia seria completada por Teodósio II em 426 d.C., já no *período Bizantino* da história da Grécia quando, após a divisão do Império Romano, a Grécia pertencia ao Império do Oriente com sede em Bizâncio, futura Constantinopla, e actual cidade turca de Istambul. Destruição ajudada pelos sismos e inundações que ocorreram entre 522 d.C. e 551 d.C., mas também pela gradual implantação do *cristianismo* como culto e religião dominante. O qual haveria de se tornar, como sabemos,

na nova referência para marcar o tempo no calendário, agora dito "da nossa era". O último vencedor olímpico conhecido seria o então príncipe Varazdates, futuro rei da Arménia, na disciplina do pugilato, na 287.ª (ducentésima octogésima sétima) olimpíada no ano de 369 d.C. (C. Ampolo e alli., 1985:102; H. Van Looy, 1992:86).

4 – "*La discontinuité, c'était ce stigmate de l'éparpillement temporel que l'historien avait à charge de supprimer de l'histoire. Elle est devenue maintenant un des éléments fondamentaux de l'analyse historique. (...) La grande mutation des disciplines historiques c'est la transformation du discontinu: son passage de l'obstacle à la pratique, cette intériorisation sur le discours de l'historien qui lui a permis de n'être plus la fatalité extérieure qu'il faut réduire, mais le concept opératoire qu'on utilise...*" (Focault, 1968:23).

5 - Victor Davis Hanson (1999):
"*Pourtant, une ombre s'étend entre les citadelles mycéniennes et les cités-États. De 1200 à 700, la Grèce connaît cinq "siècles obscurs". L'écriture disparaît, de même que l'architecture monumentale. La population est réduite à un cinquième de ce qu'elle était. C'est la fin du governement centralisé, du commerce entre régions et de l'agriculture organisée. Les vases ne sont plus décorés. La production agricole décline. La bureaucratie de palais cède la place aux zones d'influence locale que les puissants se forgent dans leurs hameaux fortifiés. Les populations ne sont plus sédentaires et migrent face à la menace. Les conséquences pour la culture grecque sont plus catastrophiques que la chute de l'Empire romain dix-sept siècles plus tard. (....) Cependant, l'apauvrissement et la perte de culture représentent une sorte de libération pour l'agriculture et les combats. Les pillards venus du nord détruisirent les palais et la civilisation de Mycènes, mais ils éliminèrent aussi la bureaucratie politique et religieuse. Les armures métalliques disparaissent, mais le travail du fer et l'importance croissante des fantassins rendent possible, en cas de reprise démographique, une infanterie supérieure. Le hiérarchie rigide des Mycéniens est éliminée, les chars ne sont plus utilisés dans les combats; c'est la fin d'une pratique militaire centralisée que devait encore durer deux millénaires dans le reste de la Méditerranée. Tout était prêt pour la lente évolution vers la polis. (....) La seule bataille connue durant ces Siècles obscurs eut lieu peu avant l'an 700 sur l'île d'Eubée, entre les cités rivales de Chalcis et d'Érétrie, sur la riche plaine de Lélantine. On ignore la durée des combats et l'identité du vaiqueur, mais les poètes et les historiens voient dans cet événement la primière guerre grecque connue d'après des sources fiables, et non mythologiques. Venant à la fin des Siècles obscurs, cette bataille doit avoir marqué le passage de la guerre des cavaliers au combat d'infanterie. (....) il est clair que les deux cités d'Eubée initièrent un changement radical des structures politiques et militaires.*" (1999:33, 34, 35).

6 - No plano militar a infantaria (os hoplitas), portanto a corrida e as deslocações a pé tornam-se a técnica predominante (V. D Hanson, 1999:35) em relação ao período Micénico. *"Les armures métalliques disparaissent, mais le travail du fer et l'importance croissante des fantassins rendent possible, en cas de reprise démographique, une infanterie supérieure. Le hiérarchie rigide des Mycéniens est éliminée, les chars ne sont plus utilisés dans les combats; c'est la fin d'une pratique militaire centralisée que devait encore durer deux millénaires dans le reste de la Méditerranée. Tout était prêt pour la lente évolution vers la polis. (....) La seule bataille connue durant ces Siècles obscurs eut lieu peu avant l'an 700 sur l'île d'Eubée, entre les cités rivales de Chalcis et d'Érétrie, sur la riche plaine de Lélantine. On ignore la durée des combats et l'identité du vaiqueur, mais les poètes et les historiens voient dans cet événement la primière guerre grecque connue d'après des sources fiables, et non mythologiques. Venant à la fin des Siècles obscurs, cette bataille doit avoir marqué le passage de la guerre des cavaliers au combat d'infanterie. (....) il est clair que les deux cités d'Eubée initièrent un changement radical des structures politiques et militaires.*" (Hanson, 1999:35).

7 - Será então mais prudente como já alertava H. Van Looy (1992) ver nas tentativas de construir um discurso para a lenda e para o mito, mesmo no discurso pretensamente não-mitológico do historiador Pausanias, um objectivo "político", "*C'est ainsi que les diverses légendes reflètent la lutte perpétuelle entre*

les Etoliens qui avaient conquis l'Elide, et les habitants achéens de pise pour la possession de l'ancien lieu de culte" (p. 79). Portanto um assunto de rivalidade e de competição entre as províncias de Élida e de Arcádia, concretamente entre os eleus de Élis, os aqueus de Pisa e os lacedemónios de Esparta, que ocupavam/partilhavam geográficamente a mesma península. Exactamente os mesmos entre quem se iria celebrar o acordo da ***Trégua Sagrada***, e exactamente pelos motivos políticos de solucionarem a guerra entre si e de estabelecerem uma relação de paz duradoura que obviasse às consequências teimosamente nefastas para o seu mútuo desenvolvimento. Tal como seria também esse o conselho que em 884 a.C. Ífito, rei dos eleus, teria ouvido da pitonisa no oráculo de Delfos, sendo o restabelecimento dos "antigos" Jogos Olímpicos a solução operatória para implementar tal objectivo.

Bibliografia

Ampolo, C. e all.
(1985) "*Victory and honour in the stadium*" ed. Arnoldo Mondadori, Milão.

Bento, J.O.
(1998) "*Desporto e Humanismo. O campo do possível*", in Conferência de Encerramento do VI Congresso de Educação Física e Ciências do Desporto dos Países de Língua Portuguesa, "Actas do Congresso", edição do INEF Galicia, Corunha.

Bloch, M.,
(1997) "*La violence du religieux*", Odile Jacob, Paris.

Burckhardt, J.
(1964) "*History of Greek culture*", Ed. P. Hilty, Londres.

Candilis, G.
(1994) "*Les Jeux Olympiques au seuil du XXI siècle*", CIO, Paris.

Comissão Europeia
(1998) "*Evolução e perspectivas da acção comunitária no domínio do Desporto*", Comissão Europeia, direcção-Geral X, Bruxelas, 1998/09729, p. 5)

D'Agostino, B.
(1971) "*Grecia*", Milão.

Dodds, E. R.,
(1988) "*Os gregos e o Irracional*", Gradiva, Lisboa.

Dover, K. J.
(1974) "*Greek popular morality in the time of Plato and Aristotle*", Oxford University, Oxford.

Durantez, C.
(1992) "*Historia del Olimpismo Moderno*", Editorial Centennial, Barcelona.

Encyclopædia Britannica, The New
(1973) "*Olympia*", Knowledge in Depth, Volume 13, 15 th edition, William Benton Publisher, Londres e Chicago, p. 564-566.

Festugière, A. J.; Vidal-Naquet, P.; Châtelet; Detienne, M. e Ricoeur, P.,
(1988) "*Grécia e Mito*", Gradiva, Lisboa.

Finley, M. I. e Pleket, H. W.
(1976) "*The Olympic Games: The first Thousand Years*", Londres.

Gardiner, E. N.
(1930) "*Athletics of the Ancient World*", Oxford University, Oxford.

Gomes, C.
(2002) "*Os dados reais da origem dos Jogos Olímpicos da Antiguidade, o fim do período helénico (1)*", Boletim da Academia Olímpica de Portugal, n.º 11, Agosto e Setembro de 2002, Academia Olímpica de Portugal, Lisboa.
(2002) "*As primeiras competições, o fim do período helénico (II)*", Boletim da

Academia Olímpica de Portugal, n.º 12, Outubro, Novembro e Dezembro de 2002, Academia Olímpica de Portugal, Lisboa.

Grand Larousse Encyclopédique
(1963) "*Olympique*", tome septième, Librairie Larousse, Paris, p. 941-943.

Hanson, V. D.,
(1999) "*Les guerres grecques 1400 - 146 av. J.-C.*", Éditions Autrement, Paris.

Harris, H. A.
(1972) "*Sport in Greece and Rome*", Londres.

Herodotus
(1961) "*The Histories*", trans. A. de Sélincourt, Harmondsworth.

Homer
(1879) "*Iliad*", trans. T. A. Buckley, Londres.

Lévi-Strauss, C.,
(1958) "*Anthropologie structurale*", Plon, Paris

Miller, S.,
(1979) "*Ancient Writers, papyri and inscriptions on the history and ideals of Greek athletics and games*", Arete, Chicago.

Morgan, V.,
(1990) "*Athletes and Oracles, the transformation of Olympia and Delph in Eighth Century b.C.*", Cambridge University Press, Cambridge.

Pausanias
(1918-1955) "*Description of Greece*", trans. W.H.S. Jones e H. A. Ormerod, Londres.

Pindar
(1852) "*Odes*", trans. D.W. Turner, Londres.

Plecket, H. W.
(1975) "*Games, Prizes, Athletes and Ideology*", in "Stadion", n.º 1 (1975), p. 49-89.

Plutarch
(1976) "*Vitæ Parallelæ*", trans. I. Scott-Kilvert, Harmondsworth.

Robinson, R. S.
(1981) "*Sources for the History of Greek Athletics*", Chicago.

Scanlon, T. F.
(1984) "*Greek and Roman Athletics. A Bibliography*", Chicago.

Thucydides
(1959) "*The Peloponnesian War*", trans. T. Hobbes, Michigan.

Vanhove, E. D., e alli.,
(1992) "*Le sport dans la Grèce Antique, du jeu à la compétition*", Palais des Beaux-Arts, Bruxelles.

Vernant, J-P.,
(1988) "*Mythe et pensée chez les Grecs*", Éditions La Découverte, Paris.

Vigarello, G.
(1998) "*Une Histoire Culturelle du Sport*", Robert Laffont, Paris.

Pedro Manuel Cardoso
(Membro da Academia Olímpica de Portugal)

Idanha-a-Nova, 15 de Abril de 2003.